

## **Barraca Inventiva: Acesso e Reflexão sobre a Camisinha** \*

Haraldo Cesar Saletti Filho <sup>1</sup>

José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres <sup>2</sup>

Camila Silva Tavares <sup>3</sup>

Marcel Lima Cavalcanti <sup>4</sup>

### Resumo

*Apresentaremos o relato e a avaliação de uma experiência de educação preventiva norteadada pelo conceito de vulnerabilidade realizada na cidade de São Paulo. Discutiremos resultados e perspectivas desse trabalho diante do desafio de flexibilização dos espaços de acesso aos preservativos e da construção local de programas de saúde e educação que possam sustentar ações comunitárias de redução de vulnerabilidade dos jovens. Aprofundaremos a discussão de uma estratégia de arte-educação chamada barraca itinerante sexo, libido e manifestação que permitiu diversificar as linguagens para o trabalho de educação preventiva com e entre jovens. Serão destacados aspectos metodológicos e a integração de saberes técnicos e comunitários. A conclusão sintetiza conhecimentos sobre as possibilidades e os desafios de estratégias que desencadeiam a resposta social diante do enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS.*

### Acesso e Uso da Camisinha - Sexualidade, Juventude e Vulnerabilidade

O desenvolvimento de programas de saúde e de educação permite a abordagem planejada de questões relevantes para população. O mote de alguns programas é a prevenção de DST/AIDS, sendo necessário trabalhar o uso dos preservativos. Transformar em política pública a flexibilização dos espaços de distribuição das camisinhas responderá pela redução das barreiras a seu acesso, em especial para os jovens. Experiências de educação preventiva poderão subsidiar os primeiros passos para uma ação universal de flexibilização do acesso à camisinha. Deste modo, é necessário pensar as condições para se construir estratégias de disponibilização da camisinha, assim como os parâmetros para a avaliação dessas atividades. Além disso, a camisinha remete à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos. Precisamos considerar quais as possibilidades e os desafios que surgem a partir da flexibilização dos espaços de acesso ao preservativo e pensar como efetivamente apoiar a redução da vulnerabilidade de populações jovens às DST/AIDS. Intervenções norteadas

---

\* Projeto Desenvolvido pela Faculdade de Medicina da USP e pela Associação Projeto Jovem Inventivo com apoio do Programa Gênero, Reprodução, Ação e Liderança de 2002 da Fundação Carlos Chagas e da Fundação MacArthur.

<sup>1</sup> Médico Sanitarista do Centro de Saúde Escola Samuel Pessoa da Faculdade de Medicina da USP

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP

<sup>3</sup> Integrante da Associação Projeto Jovem Inventivo

<sup>4</sup> Integrante da Associação Projeto Jovem Inventivo

pela vulnerabilidade estudam e interferem nos planos individuais, sociais e programáticos relacionados com a exposição às DST/AIDS. Elas se baseiam em estratégias intersetoriais, ações entre pares, pedagogia construtivista e mobilização social.

Há dificuldades para garantir o acesso às camisinhas e incorporá-las nas práticas sexuais. Papéis de gênero repercutem, por exemplo, na construção de masculinidade baseada no sentir-se forte, imune a doenças, impetuoso, disposto a correr riscos, incapaz de recusar uma mulher e entender que o desejo masculino é incontrolável (Guerriero *et al*, 2002). A fidelidade, neste caso, pode significar ter várias mulheres, enquanto a camisinha deve estar presente só nos casos e não necessariamente na relação “fiel” (Silva *et al*, 2002). Quando a parceira tem insegurança sobre DST não pode demonstra-la e as mulheres solicitam a camisinha em suas relações estáveis não para se proteger de DST, mas para evitar gravidez (Fernandes *et al*, 2000), enquanto a transmissão do HIV cresce entre mulheres casadas de classe popular e também entre as jovens.

Outro dado interessante de caracterização da saúde reprodutiva no Brasil se relaciona com os métodos contraceptivos. O contraceptivo oral e a laqueadura continuam sendo os mais utilizados. O corpo feminino é o alvo da atividade do método e a responsabilidade pela saúde reprodutiva continua centrada nas mulheres (Vieira *et al*, 2002). Por outro lado, talvez haja algum avanço no diálogo sobre métodos. CARVALHO identificou que entre mulheres que escolheram pílula, injetáveis, DIU e diafragma 82,7% responderam que o companheiro participava da contracepção, dando apoio à mulher usuária de método feminino ou fazendo uso eventual de método masculino (na necessidade de interrupção temporária do método feminino). Outras ações de participação masculina que foram destacadas: aquisição da pílula, ação de lembrar a mulher de toma-la e opinião sobre o número de filhos desejados (Carvalho *et al*, 2001). No entanto, mesmo que represente avanço, a função masculina continua apenas acessória nas questões relacionadas com a saúde reprodutiva e a camisinha é utilizada apenas de forma esporádica.

No caso dos jovens, o uso de contraceptivos tem associação positiva com escolaridade e negativa com idade (Jimenez *et al*, 2001). Um agravante é que as ações de saúde voltadas para esse público são exíguas. Na maioria dos serviços não existe um programa específico de atenção à saúde dos adolescentes e dos jovens e o diálogo não se volta para compreensão das vivências juvenis (Costa *et al*, 2001; Formigli *et al*, 2000; Lyra *et al*, 2002; Mendonça, 2002; Muza *et al*, 2002; Ruzany *et al*, 2002). Tradicionalmente, os serviços priorizam idosos, crianças e gestantes, com poucas ações para jovens e adultos jovens, respondendo precariamente às necessidades clínicas mais imediatas e não alcançando abordagens mais voltadas à promoção da saúde e da cidadania.

Projetos de educação preventiva que garantam o acesso e a reflexão sobre o uso dos preservativos às populações mais vulneráveis devem ser priorizados. Barreiras culturais e programáticas precisam ser enfrentadas a partir de uma resposta social envolvendo diferentes

setores da sociedade. Diante dos variados contextos de vida e de organização dos serviços, experiências que identifiquem e trabalhem aspectos regionais de educação preventiva precisam ser apoiadas e enriquecidas a fim de responder às barreiras para o uso dos preservativos.

### *Projeto Jovem Inventivo*

Com o objetivo de fortalecer uma rede local de apoio a lideranças juvenis interessadas na melhoria da atenção à saúde dos jovens foi criado o Projeto Jovem Inventivo no Butantã, região administrativa de uma Sub-Prefeitura de São Paulo. Este projeto é desdobramento de ações de educação preventiva com jovens que vem sendo promovidas pela Faculdade de Medicina da USP desde 1997. Conta com médicos e lideranças juvenis em sua equipe de trabalho, além de colaboradores das áreas de saúde e de humanas. O trabalho inclui jovens nas tarefas de planejamento, execução e avaliação e tem explorado diferentes linguagens em suas atividades. As principais instituições beneficiadas são escolas e serviços de saúde. Portanto, o projeto valoriza os diálogos entre jovens, técnicos e acadêmicos e a construção de saberes a partir dessa articulação.

A sensibilização comunitária é facilitada por atividades de arte-educação, destacando a barraca itinerante *Sexo, Libido e Manifestação*. Nela ocorre uma apresentação de objetos de arte construídos em oficinas de capacitação de jovens multiplicadores em temas de saúde e de cidadania. Jovens multiplicadores são pessoas interessadas nas temáticas de saúde e que desejam se preparar não só para tomar decisões próprias, mas para provocar discussões com seus colegas e facilitar o desenvolvimento de práticas de cuidado com a saúde, entre elas o uso de preservativos.

A formação dos multiplicadores baseia-se na importância de identificar, conhecer, refletir e transformar contextos de vida a fim de reduzir a vulnerabilidade dos jovens. Cotidiano escolar, participação e representação juvenil na comunidade, interação entre grupos juvenis e oficinas de discussão são exemplos de contextos que podem transformar representações e fortalecer o respeito entre as pessoas. Os ciclos de formação dos multiplicadores são baseados na perspectiva de vulnerabilidade que desencadeia resposta social, destacando a diversidade de idéias, a formação de laços cooperativos e as intervenções comunitárias.

### *Barraca Itinerante Sexo, Libido e Manifestação!*

A barraca é uma atividade de sensibilização e mobilização social do Projeto Jovem Inventivo e volta-se a discussão sobre sexualidade. A barraca, como é uma instalação artística, tem passagens internas, cinco ambientes retratando sexualidade, gravidez, solidariedade, diversidade e preconceito. Há uma lona plástica com 160 m<sup>2</sup> que recobre uma estrutura central em canos de ferro

de 54 m<sup>2</sup>, local onde estão os objetos de arte. Nas varandas da instalação artística apresentamos materiais educativos e distribuimos preservativos.

Antes de suas apresentações realizamos blocos de formação de multiplicadores. O preenchimento das vagas se dá, preferencialmente, por jovens que representem escolas, movimentos ou grupos comunitários e que compareçam ao menos com três representantes de seu local (regra flexível). As temáticas das oficinas de capacitação de jovens multiplicadores são transportadas para diferentes linguagens: vídeo, artes plásticas, música etc. Portanto, o processo conta com momentos de reflexão e outros de construção de objetos de arte, articulando idéias coletivas e talentos individuais. Cada oficina tem três horas de duração e elas são realizadas pela equipe do Projeto Jovem Inventivo, por convidados de serviços de saúde da região e por ONGs de São Paulo. Os ambientes da barraca são reconstruídos a cada apresentação pelos novos multiplicadores a fim de garantir a integração de idéias de todos os grupos capacitados pelo projeto durante as exposições.

Em eventos públicos que enfocam saúde, juventude e cidadania também fazemos apresentações. É quando os jovens multiplicadores se deparam com novas situações, entre elas, a presença de pessoas com idades variadas visitando a barraca. A distribuição de preservativo acontece em todas as apresentações.

Aos jovens, grupos juvenis e instituições participantes é oferecido apoio para construção de projetos locais de educação preventiva. Temos centrado esses módulos de formação de multiplicadores e apresentações da barraca na região do Butantã para aumentar o número de multiplicadores e desenvolver estratégias de integração local com serviços de saúde e de educação, fortalecendo a rede de relações entre esses agentes e espaços.

Portanto, é um trabalho centrado no dinamismo das redes sociais e na discussão sempre atualizada dos papéis pessoais e institucionais. Desse modo, apresentaremos um recorte avaliativo dos últimos dois anos de um processo ainda em curso.

Utilizamos como material de avaliação o resultado de oficinas de discussão/avaliação e de questionários respondidos pelos jovens multiplicadores. Também dispomos de depoimentos de visitantes registrados durante as apresentações da barraca, material que é transcrito, categorizado e arquivado em diário de campo.

### *Resultados e Discussão*

- Falas e Ações

Estimamos, pelas camisinhas distribuídas, que mais de três mil pessoas já visitaram a barraca. Não houve queixa pela apresentação e distribuição dos preservativos. Algumas vezes a

equipe foi abordada para conversar sobre sexualidade, inclusive sobre homossexualidade e a dificuldade de lidar com a situação na escola.

Em relação aos preservativos e métodos contraceptivos duas situações foram interessantes. Em praça pública, uma criança de cinco anos brincava com a camisinha e seu colega disse “tira da boca que isso tem porra”. Um jovem multiplicador explicou que a camisinha era nova, pois estava na embalagem. Já uma jovem multiplicadora, na atividade de avaliação do projeto, relatou que uma senhora de 60 anos agradeceu sua explicação sobre os métodos contraceptivos, pois pela primeira vez via e entendia. Vale ressaltar que não há desperdício de preservativo e as pessoas se interessam em saber onde conseguir mais e regularmente, principalmente os jovens.

Deste modo, observamos a importância de existir fora do espaço dos serviços de saúde atividades educativas que facilitem o conhecimento e o acesso ao preservativo, mas é importante que haja retaguarda dos serviços para outras demandas de saúde. Também entendemos que é importante saber como garantir o acesso ao preservativo em espaços comunitários sem causar constrangimentos. Nas escolas, mesmo entre muitas pessoas, nossa atividade garantia o acesso a todos sem demarcar quem transa, questão que deve ser considerada em outros contextos.

Outro fato importante é a adequação da comunicação entre os multiplicadores e os visitantes e a legitimidade dos multiplicadores demonstrada tanto pela superação de situações inesperadas (crianças com preservativos) quanto por responder adequadamente às informações solicitadas (senhora que queria conhecer os métodos). A possibilidade do encontro de jovem para jovem é valorizada como liberdade para o visitante se expressar, sendo que *depois que entra (o jovem) fica com livre arbítrio para falar o que pensa* como referido por um jovem visitante. Além disso, o multiplicador incentiva uma postura mais solidária e o reconhecimento de preconceitos e de barreiras culturais que influenciam na vulnerabilidade dos jovens, já que, nas palavras de um visitante: *vocês explicam que há muito preconceito e que a sociedade é assim, aí no final eles acabam descobrindo, olhando pelos espelhos (os espelhos fazem parte da montagem de um ambiente da barraca), que eles também fazem parte da sociedade.*

Outro ponto é a facilidade para o jovem identificar-se com as idéias sobre prevenção que são apresentadas. Os visitantes referem que a barraca faz recuperar vivências que estão relacionadas com a sexualidade, pois *você vê tudo que você faz e pode rever coisas (...) como a gente faz e o que pode ser feito de diferente, com mais segurança, com mais prazer.*

Alguns educadores que visitaram a barraca deixaram mensagens sobre a possibilidade de transformar as relações pessoais em busca de formas mais prazerosas e protegidas, lembrando da percepção de vulnerabilidade e de que *a prevenção é algo do dia-a-dia e que passa por uma coisa da*

*nossa subjetividade, daquilo que não tá dito, tá lá na entranha da gente, e vocês mexem com isso, portanto a barraca suscita a gente a pensar, a imaginar, ser feliz com o outro.*

Ainda em relação à mobilização do público, alunos de escola pública que visitaram a barraca disseram entender que a AIDS é uma doença que afeta qualquer pessoa, não importa classe social ou cor, mas que basta vacilar, portanto todos devem se prevenir.

A barraca também estimula o interesse pelo trabalho do multiplicador, principalmente quando apresentada em escolas. Baseando-se na atividade, educadores de uma escola pública utilizaram o modelo de instalação de arte para encerrar o ano com um grande evento de problematização de temas relevantes aos jovens. Manteve-se o formato de monitoria de objetos de arte com jovens acompanhando os visitantes e estimulando a reflexão e a crítica diante da compreensão dos significados dos objetos.

Nessa escola ainda percebemos a influência do trabalho quando os alunos multiplicadores exerceram importante liderança na fundação do grêmio estudantil, depois assumindo tarefas e cobrando de outros atores da cena escolar o compromisso com a melhoria da escola. A defesa da participação juvenil e do respeito dos interesses e das idéias dos jovens tem pautado o trabalho desse grupo e o projeto de prevenção foi um dos eixos de trabalho do grêmio no último ano. O fortalecimento de lideranças juvenis em prol da melhoria da escola é um aspecto muito positivo para o projeto. A tradução desse impacto fica nítida na fala de uma jovem multiplicadora que escreveu agradecendo o apoio que recebeu do Projeto Jovem Inventivo e dos multiplicadores da região que foram até sua escola e conta que *o interesse em criar projetos e as idéias para a melhora do ensino querem sair do papel e virar ações.*

Percebemos junto aos educadores de escolas públicas que a educação preventiva norteadada pela redução da vulnerabilidade implica em discussões sobre o modelo pedagógico das escolas. Colabora para esse convite a valorização da participação juvenil na construção das ações e principalmente na ocupação dos espaços. Essa ocupação é entendida como a mobilização de pessoas (da escola e da região) e de recursos (da escola e do Projeto Jovem Inventivo) para a organização das apresentações dos multiplicadores.

Os objetos de arte apresentados provocam os alunos para algo diferente que está acontecendo, já que o aluno *está acostumado a olhar as coisas como elas sempre são na escola e quando elas mudam causa impacto* (frases escritas por alunos em avaliação da atividade). Uma aluna questiona o sentido da escola e de seus conteúdos de trabalho em nossa avaliação, ela diz: *dia após dia estou vindo estudar e eu me pergunto, o que?*

A barraca permite levantar questões para um debate mais estendido e faz um convite para a coletividade escolar responder a essa tarefa, por exemplo, refletindo como não ser agente e não ser

alvo de preconceitos e saber respeitar a diversidade humana. Sinaliza que é possível aproximar o trabalho educativo de questões interessante aos jovens e que isso deve passar por novas possibilidades estéticas e pela democratização do processo de construção das ações. Portanto, são dois impactos do trabalho identificados na avaliação:

- 1) Percepção de vulnerabilidade e de preconceitos, sua relação com a estrutura sócio-cultural e a identificação individual com esse contexto.
- 2) Identificação da participação e apropriação da tarefa pela coletividade jovem, com soma de forças da equipe técnica e dos jovens para essa ação educativa, o que foi estímulo para outros grupos juvenis levantarem questões e repensarem seu grau de mobilização.

## Sustentabilidade

A barraca permite reduzir o tempo entre a formação do multiplicador e sua inserção em atividades comunitárias, constituindo um verdadeiro momento prático-reflexivo de aprendizagem. Ao final do processo os jovens devem estar familiarizados com as pessoas que podem servir de apoio para outras ações. Estas não devem ser pensadas atreladas exclusivamente ao projeto formador. Daí se conclui a importância da articulação de terceiro setor e instituições governamentais, aliando inovações tecnológicas na área de saúde da juventude com retaguarda assistencial, suporte de insumos preventivos e inclusão das ações em projetos pedagógicos mais amplos nas escolas, sendo necessário reconhecer a estrutura regional de organização dos serviços e os responsáveis por sua gestão.

Aprendemos que levar uma atividade pronta para um espaço pouco mobilizado repercute apenas na sensibilização individual (percepção de vulnerabilidade e preconceitos), mas não no convite coletivo (coletividade de trabalho e ações entre pares), enquanto formar multiplicadores para atuarem apenas em campos distantes de sua origem enfraquece as bases informal e institucional do trabalho, “profissionalizando” os jovens e perdendo o potencial de mobilização local. Por outro lado, como enriquecimento das oficinas de discussão, sensibilização comunitária e início de grupos de multiplicadores, a estratégia de arte-educação vincula ensino-aprendizado-ação. Os multiplicadores destacaram essa qualidade, relatando que esse foi um dos estímulos para participarem do projeto. Eles valorizaram a integração do grupo de jovens no desenvolvimento das tarefas e os momentos de encontro com os alunos/visitantes. Referiram que re-aprendiam a explicar os objetos de arte e que uma instalação de arte nunca está concluída, pois é reconstruída a cada apresentação, ou seja, nos encontros e nas conversas.

Nos questionários de avaliação os multiplicadores ressaltam que são importantes os seguintes aspectos para fortalecer o seu trabalho: aceitação e interesse dos colegas da escola; apoio da direção escolar; participação dos visitantes na discussão dos objetos de arte; respeito da escola com o trabalho apresentado; diálogo com a escola para construção da proposta; ganho de experiência; formação de grupo; união; e criatividade. Por outro lado, sentiram dificuldade para lidar com as situações de recusa do público (não querer participar ou “zoar” durante o trabalho); excesso de tarefas; pouco tempo para organização das ações; e desentendimentos durante o trabalho, principalmente com profissionais de escolas que dificultavam a organização da atividade (não acender uma luz, não disponibilizar chaves de cadeados e portas etc.). Sugerem ampliar o tempo para organização da atividade, destacando momentos de envolvimento dos alunos em sala de aula antes das ações extraclasse e a sensibilização de professores para integrarem a organização do projeto.

Quando questionamos o papel do multiplicador, surge a identificação com a tarefa de “passar informação”. Entretanto, outros sentidos são apresentados por alguns jovens multiplicadores, especificando ações como mobilizar outros jovens para o projeto, melhorar a escola e trabalhar a prevenção sob o enfoque da cidadania, idéias presentes nas seguintes frases da avaliação: *multiplicar pessoas a fim de multiplicar idéias de prevenção, saúde, cidadania e união para escola e expandir mais o projeto na própria escola e em outros lugares.*

Um elemento importante na construção local da identidade do multiplicador foi o uso de camisetas do projeto. Isso facilitou a organização através de grupos de trabalho para as atividades. Assim, os alunos/visitantes conseguiam saber a quem solicitar apoio. Além disso, as camisetas espelham o impacto que o trabalho vai alcançando nessa comunidade e após a atividade os multiplicadores continuam indo à escola com ela, o que favorece a formação de laços mais fortes entre as pessoas que se identificam com a proposta. Também é interessante notar que jovens que não eram multiplicadores compraram camisetas, o que demonstra que a identidade do multiplicador passou a fazer sentido para muitos jovens, mesmo para aqueles que não estiveram engajados na organização do projeto, portanto, conferindo legitimidade aos multiplicadores junto a seus pares.

Em relação à vulnerabilidade, os multiplicadores solicitaram apoio do Projeto Jovem Inventivo para sustentarem ações em suas escolas. Algumas propostas estão em debate, como a organização de uma sala de trabalho onde os multiplicadores poderiam tirar dúvidas dos colegas, disponibilização e organização de materiais sobre saúde reprodutiva, explicitação dos serviços de saúde da região e distribuição de preservativo. Em um levantamento informal realizado por jovens estudantes de ensino médio do período noturno de uma escola pública do Butantã a aceitação do

preservativo na escola foi de 92%. Algumas dúvidas estão presentes nessas propostas, principalmente quanto à segurança e privacidade das pessoas. Considerações também são feitas sobre os papéis de multiplicadores, educadores e profissionais de saúde. Além disso, identificamos a importância de não isolar as ações, mas que elas possam ser compartilhadas com profissionais de saúde da região. Constatamos que os trabalhos de educação preventiva do Butantã repercutem no fortalecimento de uma rede de relações entre jovens, educadores e profissionais de saúde. Essa rede dá sustentação para trabalhos institucionais, mas também para ações informais baseadas na mobilização de pessoas e grupos. A integração desses processos institucionais e informais pode garantir a renovação criativa das ações institucionais e ao mesmo tempo fortalecer as bases locais para sustentabilidade de projetos comunitários que, desse modo, são potenciais referências para a flexibilização dos espaços de acesso aos preservativos sem que se tornem balcões de dispensa.

Entretanto, percebemos que há um conjunto de dificuldades para a efetiva construção de projetos participativos e democráticos e que os jovens são pouco considerados na elaboração desses projetos. Compreendemos que essas dificuldades partem do conflito de perspectivas centradas na autonomia e outras na tutela, comprometidas, respectivamente, com resposta social ou com a transmissão de informação para a mudança de comportamento. Temos assim representadas diferentes possibilidades para a implementação de políticas públicas de educação preventiva. Vamos discutir alguns aspectos dessas propostas considerando a experiência aqui relatada.

- A vulnerabilidade na prática

Ao longo do trabalho percebemos que já nos distanciamos o suficiente de propostas baseadas no binômio informação-comportamento (modelo educativo modelador com a responsabilidade de transmissão da informação atribuída a técnicos), principalmente quando reforçamos a importância da participação jovem e inventiva, mesmo que ações entre pares sejam fortemente recomendadas pelas propostas da modelagem comportamental (Darroch et al, 2000; Fernández Costa et al, 1999; Gao et al, 2001; Hovel et al, 1998; Kirby et al, 1994; Kirby et al, 1997; Rickert et al, 1991; Schort, 1998), pois nesses casos se baseiam em motivos bem diferentes deste trabalho.

No caso de estratégias baseadas em modelos de informação-comportamento, a reflexão sobre a identidade da coletividade comunitária é quase sempre negligenciada, os dados de caracterização sócio-cultural são pobres, a abordagem do tema não é transversal, os professores/técnicos devem estimular os alunos/jovens a assimilarem as informações e os laços construídos pelos jovens são percebidos apenas na perspectiva de superação de resistências ao conteúdo informativo. A realização de intervenções por pares acontece pela necessidade de mediar

informação intragrupo, permitindo a identificação dos jovens com o tema em discussão e contornando eventuais barreiras culturais. Não há, nesse caso, diferença entre *peers-led* ou *adults-led information*: nos dois casos o que interessa é que a mensagem seja adequadamente carregada no que se refere à alteração de conhecimento e atitudes.

Nosso trabalho é norteado pela vulnerabilidade. Por essa perspectiva os projetos de educação preventiva entendem, discutem e provocam resposta das pessoas e das instituições (principalmente de saúde e de educação) diante dos aspectos sócio-culturais e programáticos que se relacionam com o poder das pessoas transformarem efetivamente comportamentos a partir da consciência sobre as possibilidades de exposição a agravos (Ayres *et al*, 2003a).

Desse modo, acesso à informação, grau de liberdade de pensamento e expressão, papéis de gênero, coalizão interinstitucional e intersetorial e financiamento, planejamento, gerenciamento e sustentabilidade de ações (Ayres *et al*. 1999) de educação em saúde para jovens, entre outras questões, tornam-se alvo de discussões, oficinas, intervenções de sensibilização e trabalho (tal como na barraca itinerante) relacionadas com a redução da vulnerabilidade.

Como forma de conceber diagnósticos situacionais e imediatamente nos remeter às possibilidades de enfrentamento coletivo para mudança, a vulnerabilidade é uma ferramenta importante e fortalecedora do projeto, pois valoriza a aproximação de técnicos, acadêmicos, educadores e jovens em torno das mesmas questões, refletindo situações e articulando parcerias de apoio para, a seguir, integrar conhecimentos e propor ações concretas, depois avaliando avanços e desafios, destacando a importância do novo e do re-inventado sem perder as histórias de líderes e dos movimentos de transformação. É uma ação técnica e política que no Butantã, por exemplo, já conta com gerações de multiplicadores e de equipes de educadores envolvidos com os projetos de prevenção. Essa tem sido uma história construída e contada por muitos e isso fortalece o trabalho.

A partir da vulnerabilidade temos enfatizado o relacional, recusado tecnicismos, assumido a dinamicidade dos temas relacionados com a saúde na juventude, aproximado o individual do coletivo e vice-versa. Desse modo, capacitando e mobilizando grupos através de um processo educativo construtivista, intersetorial, sendo os agentes privilegiados os jovens e seu objetivo a transformação de contextos de vida.

No caso da barraca itinerante, a valorização dos encontros, diálogos, trocas de idéias e de afetos, para então problematizar coletivamente se há ou não acesso aos insumos preventivos e quais as barreiras para a redução da vulnerabilidade ao HIV. Ao invés de informar e trazer as respostas; provocar, levantar questões e convidar as pessoas a se mobilizarem. Ao mesmo tempo, manter a referência do Projeto Jovem Inventivo, do Centro de Saúde Escola Samuel Pessoa e da Faculdade de Medicina da USP para apoiar os grupos participantes em qualquer etapa de seu trabalho.

A partir dessa base e desses resultados, avançamos para questões práticas sobre responsabilidades e tarefas. Iremos considerar alguns pontos da rede de trabalho de educação preventiva do Butantã e destacar aspectos da resposta social aqui preconizada.

- Alguns aprendizados práticos sobre a resposta social

Precisamos pensar quais são os espaços e as instituições sociais que devem se comprometer com o desenvolvimento de estratégias de prevenção abrangentes e efetivas. É necessária a sensibilização e a discussão de temas de saúde sexual e reprodutiva, além da garantia de acesso aos meios de prevenção. Para tanto, os projetos de prevenção devem considerar desejos, sentimentos e “poderes” nas relações sexuais, principalmente de casais estáveis e de jovens, para então debater-los, construindo espaços educativos dialógicos que permitam a conscientização de possibilidades mais seguras de conjugar prazer e respeito e então garantir acesso regular aos preservativos em ambiente acolhedor, acessível e seguro.

A prevenção de DST/AIDS é uma tarefa intersetorial, deve perpassar organizações de saúde e de educação e também outros setores, tal como cultura e lazer, envolvendo diferentes atores sociais, principalmente lideranças populares e técnicos, pois são personagens que respondem por necessidades e interesses da população.

Portanto, é necessário fortalecer o caráter educativo dos espaços comunitários. Partindo das escolas e dos serviços de saúde, transitando entre esses dois espaços (garantindo base institucional através de recursos materiais e humanos) e a partir deles para outros lugares da comunidade: praças, espaços culturais, organizações não governamentais, espaços de socialização e de encontros juvenis etc. Ao mesmo tempo, projetos intersetoriais de educação preventiva estimulam a reconstrução de instituições, ampliando seu leque de ações e a qualidade das atividades voltadas para os jovens. Contudo, o novo não deve desconsiderar a racionalidade, os papéis e os compromissos já instituídos.

Portanto, entre as tarefas da saúde, campo que subsidia projetos locais de educação preventiva, há um conjunto amplo de estratégias a serem respondidas. Um projeto de saúde e prevenção abordará diferentes momentos do trabalho, desde a organização interna dos serviços para atendimento da demanda espontânea, passando pela participação de profissionais de saúde em ações comunitárias até o engajamento em discussões sobre políticas públicas de saúde, reconhecendo as dimensões afetivas, técnicas e políticas das ações.

No caso das escolas, os projetos de educação preventiva têm a tarefa de refletir o modelo pedagógico; destacar quais os agentes principais do trabalho de prevenção e os papéis de jovens, comunidade, educadores e técnicos; provocar a resposta social da coletividade escolar; promover

discussões transversais da temática por todas as áreas/matérias; garantir espaço para a participação juvenil; democratizar a construção e a avaliação das atividades (âmago do processo educativo); e valorizar o dia-a-dia de relações e o aprendizado conjunto. A partir do par “serviços de saúde - escolas”, ampliamos as perspectivas para trabalhos de educação preventiva refletindo sobre as bases culturais de nossas práticas e facilitando o acesso a preservativos, sem perder de vista a retaguarda assistencial, pedagógica, política e solidária (redes sociais) para essas atividades (Saletti Filho *et al*, 2003).

É necessária a apropriação popular das instituições sociais, o que significa ocupa-las com os interesses e saberes e legitimar e formar nesse contexto novos agentes sociais para a atuação diante de nossos problemas coletivos, entre eles a prevenção da AIDS. Entre esses agentes, os jovens multiplicadores. Entretanto, precisamos compreender e sustentar a identidade de multiplicador junto a outras identidades juvenis (grafiteiro multiplicador, ator multiplicador, dançarino multiplicador etc.) para aproximar a discussão de saúde de jovens vivendo em diferentes contextos e com ampla diversidade social e cultural. Assim, evitaremos que a ação dos multiplicadores seja voltada para pequenos grupos, destacando que toda contribuição estética e toda linguagem são possíveis e bem-vindas em atividades de educação preventiva, havendo espaço para todos os jovens.

Em pesquisa realizada na Escola Estadual Virgília RAC Pinto, Butantã, constatou-se que os multiplicadores envolvidos no trabalho representavam diferentes grupos juvenis, por outro lado, as informações de saúde tinham um grande valor para esses jovens, fortalecendo seu status diante dos demais colegas e passando autoridade para discutir assunto, o que distanciava o trabalho dos multiplicadores da idéia de resposta social porque enfraquecia o envolvimento coletivo e repercutia com a centralidade da informação no seu discurso (Ayes *et al*, 2003b). A equipe de pesquisa que atuava na escola encontrou dificuldades para destacar a importância dos diferentes personagens da escola na construção do projeto local de prevenção, pois os multiplicadores em estado de empoderamento relacionavam seu trabalho mais com os técnicos do que com a comunidade escolar. Desse modo, colocava-se como desafio a inovação do processo de formação de multiplicadores com a radicalização da comunicação dialógica. A estratégia de arte-educação da barraca nasceu nesse contexto e explorou a base regional de educação preventiva já existente (Saletti Filho, 2003).

O momento de construção da barraca garantiu mais liberdade e diversidade de linguagens para expressão dos jovens. O que o visitante vai achar? Estamos estimulando os colegas como gostaríamos? Como trabalhar a monitoria dos objetos de arte? Estas são questões que orientam a atividade. Durante as apresentações, os multiplicadores têm vários encontros e conversas com jovens e demais visitantes. Percebemos que houve um deslocamento no discurso dos

multiplicadores, menos centrado nas informações e mais aberto para renovação de idéias sobre as temáticas trabalhadas.

Nas avaliações das apresentações e do trabalho dos multiplicadores agora surge a dúvida sobre o caráter educativo da atividade. Será que estamos transmitindo algo (emprego da arte-educação)? Ocorre mudança em relação aos temas trabalhados? Estou preparado para ser multiplicador? Há um deslocamento de foco do ser multiplicador, menos baseado no status das informações técnicas e mais relacionado com a ação de liderança. É um novo momento crítico para as ações de educação preventiva no Butantã, pois os jovens levantam questões que antes eram preocupação apenas de educadores e técnicos e que colocam lado a lado conteúdos e contextos, temas de saúde, de cidadania e de juventude.

Uma cobrança atual é a garantia de mais blocos sistemáticos de oficinas, tal como no modelo de trabalho da parceria entre a Escola Virgília e a FMUSP citada anteriormente. Interessante que a resposta a uma necessidade surge do resgate de uma experiência recente dos trabalhos de prevenção da região, demarcando a construção de uma memória local crítica e coletiva sobre as formas de se trabalhar a educação preventiva.

Essa mudança decorre de um tempo de amadurecimento local das estratégias de educação preventiva, avançando das salas de oficinas para incorporação efetiva nos currículos escolares e nos compromissos locais dos profissionais de saúde. Catalisa esse processo o trabalho dos jovens multiplicadores, agentes que transitam nos diferentes espaços da comunidade e seus serviços e ativos na defesa das temáticas de educação preventiva. Jovens orientados e orientadores da perspectiva de redução da vulnerabilidade que integram o círculo de diálogo entre prática e reflexão, conceito e ação.

### *Conclusão*

O Projeto Jovem Inventivo contribuiu para o fortalecimento de uma nova identidade para os multiplicadores do Butantã. Não é um jovem, dotado de habilidades para fixação e expressão verbal de informações de saúde, o sujeito potente para o trabalho de multiplicador. O multiplicador que visamos é um jovem comprometido com o contexto social, interessado nas questões de saúde e com um repertório de possibilidades de atuação, seja por expressões artísticas, pela monitoria da barraca ou pela facilitação de oficinas, além de compor grupos de representação juvenil. Refletir sobre essa identidade é fundamental para esse processo e por aí se fará a caracterização dos espaços locais de acesso a preservativos mediados pelos multiplicadores e ocupados pelos jovens.

Por outro lado, temos desafios para a organização do projeto, que demanda local e condições de trabalho, incluindo o suporte financeiro para lideranças juvenis que atuam durante períodos mais prolongados nas atividades. Isso incentivou a fundação da Associação Projeto Jovem Inventivo, que tem como compromisso potencializar ações públicas de saúde voltadas para os jovens. A sustentabilidade e os desdobramentos desse pólo voltado a trabalhos na área de saúde da juventude que o Projeto Jovem Inventivo integra no Butantã representam as próximas etapas de desenvolvimento e aprendizado das estratégias locais de redução da vulnerabilidade e de resposta social. Assim, reforçamos que as estratégias de educação preventiva devem se direcionar para o envolvimento da população e das instituições sociais locais. Ao mesmo tempo, alertamos para as características do processo que acompanhamos no Butantã, e sintetizamos os seguintes pontos sobre a resposta social:

## 1. Espaço

- Intersetorial: abertura das instituições para atividades de integração com outros serviços e setores com necessidade de grupos de trabalho, horários de serviço e comprometimento de profissionais.
- Trânsito de agentes: pensar as instituições como locais da comunidade e dar suporte para o trânsito de agentes sociais interessados em atuar apoiando o desenvolvimento de projetos de educação preventiva (salas de apoio para uso comunitário, disponibilização de materiais educativos e informativos, nomeação de profissionais para atendimento não assistencial do público etc.)
- Contextos educativos comunitários: reconhecê-los, atuar em parceria promovendo ações em atividades externas aos serviços e fortalecendo a construção de novos espaços de diálogo.

## 2. Agentes

- Multiplicadores: legitimar o trabalho educativo entre pares.
- Identidades: valorizar a reconstrução de identidades dos agentes sociais a partir do engajamento formal ou informal, remunerado ou voluntário nas ações de educação preventiva.
- Compromissos e estratégias de trabalho: com recharacterização dos papéis de profissionais e da comunidade, sabendo que a formação de multiplicadores e a construção de espaços de distribuição comunitária de preservativos não isentam os técnicos e educadores das

atividades, pelo contrário, demandam um repensar dos papéis e a reconstrução criativa de suas ações.

### 3. Tempo

- Conjuguar as dimensões técnicas, políticas e afetivas do trabalho: novas ações carregam expectativas já sedimentadas na cultura participativa e de uso dos serviços, sendo importante avaliar a direção das ações e destacar o fortalecimento de lideranças comunitárias e de discursos baseados na autonomia. Saber que transformações requerem tempo para sua incorporação pelos indivíduos e coletividades.
- Diversificação das linguagens: estimular e dar apoio material e humano para sua viabilidade.
- Gestão democrática das atividades: construção de grupos de trabalho e representação de interesses.
- Fortalecimento da rede de apoio: identificar serviços, lideranças, profissionais e gestores comprometidos com os projetos e integrar seu trabalho com potencialização das ações.

Deste modo, a partir do estímulo para valorização dos direitos sociais, com destaque para a saúde, representado pela garantia de acesso ao preservativo, poderemos precipitar novas dinâmicas e relações sociais voltadas a reduzir a vulnerabilidade dos jovens considerando os aspectos éticos e estéticos necessários às atividades educativas que devem compor as políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva.

### Bibliografia

AYRES, J.R.C.M.; FRANÇA JÚNIOR, I.; CALAZANS, G.J.; SALETTI FILHO, H.C. **Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids**. In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. G. (Orgs.) *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidade e poder*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 49-72.

AYRES, José Ricardo CM; FRANÇA-JÚNIOR, Ivan; CALAZANS, Gabriela Junqueira; SALETTI FILHO, Haraldo Cesar. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios**. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado (org). *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003a, p. 117-140.

AYRES, José Ricardo CM; FREITAS, Ângela Carvalho; Santos, Marco Antônio S.; SALETTI FILHO, Haraldo Cesar; FRANÇA-JÚNIOR, Ivan. **Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares**. *Interface – comunicação, saúde e educação*. Fundação UNI/UNESP, v. 7, n.12, Botucatu, 2003b, p. 123-138.

CARVALHO, Marta LO, PIROTTA, Kátia CM e SCHOR, Néia. **Participação masculina na contracepção pela ótica feminina**. *Rev. Saúde Pública*, fev. 2001, vol.35, no.1, p.23-31.

COSTA, Maria Conceição O e FORMIGLI, Vera Lúcia A. **Avaliação da qualidade de serviço de saúde para adolescentes**. *Rev. Saúde Pública*, abr. 2001, vol.35, no.2 p.177-184.

DARROCH, J.E.; LANDRY, D.J.; SINGH, S. **Changing emphases in sexuality education in U.S. public secondary schools, 1988-1999**. *Fam Plann Perspect*, v.32, n.5, p.204-211, 2000.

FERNANDES, Arlete Maria dos Santos, ANTONIO, Daniel de Gaspari, BAHAMONDES, Luis Guillermo *et al.* **Conhecimento, atitudes e práticas de mulheres brasileiras atendidas pela rede básica de saúde com relação às doenças de transmissão sexual.** *Cad. Saúde Pública*, 2000, vol.16 supl.1, p.103-112.

FERNÁNDEZ COSTA, S.; JUÁREZ MARTÍNEZ, O.; DÍEZ DAVID, E. **Prevención del SIDA en la escuela secundaria: recopilación y valoración de programas.** *Rev Esp Salud Pública*, v.73, n. 6, p. 687-696, 1999.

FORMIGLI, Vera Lúcia Almeida, COSTA, Maria Conceição Oliveira e PORTO, Lauro Antonio. **Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente.** *Cad. Saúde Pública*, jul./set. 2000, vol.16, no.3, p.831-841.

GAO, Y; LU, Z.Z.; SHI, R.; SUN, X.Y.; CAI, Y. **AIDS and sex education for young people in China.** *Reprod Fertil Dev*, V.13, n.7-8, p.729-737, 2001.

GUERRIERO, Iara, AYRES, José Ricardo CM e HEARST, Norman. **Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP.** *Rev. Saúde Pública*, ago. 2002, vol.36, no.4, supl, p.50-60.

HOVELL, M.; BLUMBERG, E.; SIPAN, C.; HOFSTETTER, C.R.; BURKHAM, S.; ATKINS, C.; FELICE, M. **Skills training for pregnancy and AIDS prevention in Anglo and Latino youth.** *J Adolesc Health*, v.23, n.3, p.139-149, 1998.

JIMENEZ, Ana Luisa, GOTLIEB, Sabina Léa Davidson, HARDY, Ellen *et al.* **Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis sócio-econômicas e demográficas.** *Cad. Saúde Pública*, jan./fev. 2001, vol.17, no.1, p.55-62.

KIRBY, D.; KORPI, M.; ADIVI, C.; WEISSMAN, J. **An impact evaluation of project SNAPP: an AIDS and pregnancy prevention middle school program.** *AIDS Educ Prev*, v.9, n.1(Suppl), p.44-61, 1997.

KIRBY, D.; SHORT, L.; COLLINS, J.; RUGG, D. **School-based programs to reduce sexual risk behaviors: a review of effectiveness.** *Public Health Reports*, v.109, n.3, p.339-360, 1994.

LYRA, Jorge, MEDRADO, Benedito, NASCIMENTO, Pedro *et al.* **"A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete". Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos.** *Cad. CEDES*, ago. 2002, vol.22, no 57, p.9-21.

MENDONCA, Maria Helena Magalhães de. **O desafio da política de atendimento à infância e à adolescência na construção de políticas públicas equitativas.** *Cad. Saúde Pública*, 2002, vol.18 supl., p.113-120.

MUZA, Gilson Maestrini e COSTA, Marisa Pacini. **Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes.** *Cad. Saúde Pública*, jan./fev. 2002, vol.18, no.1, p.321-328.

RICKERT, V.I.; JAY, M.S.; GOTTLIEB, A. **Effects of a peer-counseled AIDS education program on knowledge, attitudes, and satisfaction of adolescents.** *J Adolesc Health*, v.12, n.1, p.38-43, 1991.

RUZANY, Maria Helena, ANDRADE, Carla Lourenço Tavares, ESTEVES, Maria Angela Pires *et al.* **Avaliação das condições de atendimento do Programa de Saúde do Adolescente no Município do Rio de Janeiro.** *Cad. Saúde Pública*, mayo/jun. 2002, vol.18, no. 3.

SALETTI FILHO, Haraldo Cesar. **Projeto Jovem Inventivo: formando redes de apoio ao jovem multiplicador na área de saúde e cidadania.** *ABRASCO*, vol. 8 (1), 2003, p. 52.

SALETTI FILHO, Haraldo Cesar; AYRES, José Ricardo CM; KRÜGER, Nathália von.; ZAKABI, Denise. **Escola, prevenção e cooperação intersetorial: buscando a redução da vulnerabilidade de jovens a partir da resposta social de uma comunidade escolar.** *ABRASCO*, vol. 8 (2), 2003, p. 142-143.

SCHORT, R. **Teaching safe sex in school.** *Int J Gynaecol Obstet*, v.63, Suppl 1, p.S147-150, 1998.

SILVA, Cristiane Gonçalves Meireles da. **O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados.** *Rev. Saúde Pública*, ago. 2002, vol.36, no.4, supl, p.40-49.

VIEIRA, Elisabeth Meloni, BADIANI, Rita, DAL FABBRO, Amaury Lélis *et al.* **Características do uso de métodos anticoncepcionais no Estado de São Paulo.** *Rev. Saúde Pública*, jun. 2002, vol.36, no.3, p.263-270.